

O SIGNIFICADO E O IMPACTO DOS ISMOS

Da prática viva ao dogma aprisionador: cooperação, fé, extensão rural e a liberdade de pensar

COMENTÁRIO INICIAL DO AUTOR

Escrevo este texto movido por uma preocupação que me acompanha há décadas, tanto no campo quanto na igreja, tanto nas assembleias cooperativas quanto nas salas de aula e nos púlpitos. Minha inquietação é simples de enunciar e difícil de resolver: como fazer para que uma boa prática permaneça prática, e não se converta em fanatismo. Como impedir que o sindicato vire sindicalismo cego, que a cooperativa vire cooperativismo de fachada, que a associação vire associativismo de cartório, que Cristo vire cristianismo de tribunal. Não me oponho às estruturas. Sei que sem organização não há permanência. O que temo é o momento exato em que a estrutura deixa de servir à vida e passa a exigir que a vida sirva à estrutura.

Nunca fui contra o sindicato, jamais fui contra a cooperativa, nunca me afastei da igreja. Ao contrário, atravessei todas essas casas por dentro. Meu pai foi cooperativista fundador. Eu fui extensionista, dirigente, prefeito, assessor, consultor, e sou diácono permanente. Justamente por conhecê-las por dentro é que reconheço o sinal de alerta quando ele aparece: quando o discurso se repete mais do que se pensa, quando a crítica passa a ser tratada como traição, quando o associado, o trabalhador ou o fiel é lembrado apenas nos rituais e esquecido nas decisões. Ali o organismo virou máquina. Ali a prática virou ismo.

O que desejo não é a dissolução dos sistemas, mas o seu esclarecimento. Que o sindicalismo seja bem fundamentado, e não instrumento de dominação. Que o cooperativismo seja bem fundamentado, e não vitrine de patrimônio. Que o cristianismo seja bem fundamentado, e não cegueira travestida de fé. Uma prática salutar e saudável precisa de três guardiões permanentes: esclarecimento, liberdade e discernimento. Onde estes três estão vivos, o ismo não aprisiona, porque é constantemente devolvido à sua raiz.

Toda instituição nasce como abrigo. O perigo começa quando ela se descobre como muro.

1. O QUE O SUFIXO ISMO FAZ COM UMA IDEIA

O sufixo ismo tem o poder de transformar um conceito, uma atitude ou uma prática em um sistema fechado, uma doutrina ou uma ideologia rigorosa. Em qualquer ambiente de convivência humana, seja uma reunião, uma assembleia ou uma comunidade, o grande perigo dos ismos comportamentais está em que eles enrijecem o pensamento, convertendo ideias que deveriam permanecer fluidas em dogmas inquestionáveis. O que era caminho vira cerca. O que era método vira sentença.

A filosofia é a busca livre pela sabedoria, ao passo que o filosofismo é o apego superficial a jargões filosóficos, erudição vazia usada apenas para parecer superior, sem aplicação prática ou

moral. Ser estoico é uma postura de resiliência diante da vida, e o estoicismo é a escola estruturada que investiga a virtude e o autocontrole, mas o risco surge quando o estoicismo se radicaliza e descamba para a repressão da emoção legítima. O casuísmo é a prática de julgar casos morais ou jurídicos avaliando cada situação por conveniência ou por exceções, em vez de seguir princípios gerais, e numa reunião ele destrói a regra comum para beneficiar interesses específicos do momento. O sectarismo é a intolerância extrema, na qual a pessoa só enxerga valor no próprio grupo e rejeita qualquer diálogo com quem pensa diferente, sendo o exato oposto da colaboração.

O sindicalismo, quando enrijecido, converte a defesa dos trabalhadores em uma estrutura ideológica e política que às vezes prioriza a sobrevivência da própria organização em detrimento do trabalhador individual. O cristianismo, quando institucionalizado sem espírito, transforma o ensinamento original de Cristo, centrado no amor, no perdão e na relação pessoal com o divino, em dogmatismo, divisões históricas e disputas de poder, nas quais as regras e as estruturas religiosas passam a importar mais do que a própria mensagem de misericórdia.

2. OUTROS ISMOS QUE BLOQUEIAM O DIÁLOGO

O dogmatismo é a tendência de impor verdades como absolutas e indiscutíveis, sem aceitar contestação, crítica ou nova evidência. O maniqueísmo é a visão de mundo dividida estritamente entre o bem absoluto e o mal absoluto, o que em debates impede o meio termo e faz com que as pessoas enxerguem quem discorda delas como inimigo. O mundanismo é o apego excessivo aos valores materiais, às aparências e às conquistas superficiais, em detrimento da profundidade ética, moral ou espiritual. O gnosticismo, em sentido amplo e comportamental, é a postura de quem acredita possuir um conhecimento secreto ou superior, tratando os demais como ignorantes ou incapazes de compreender a verdade.

O ceticismo absoluto ocorre quando a dúvida deixa de ser ferramenta de investigação e se torna barreira intransponível, de modo que a pessoa se recusa a acreditar em qualquer proposta ou boa intenção alheia, travando decisões. O patriotismo é o amor legítimo pela própria terra, enquanto o ufanismo é o orgulho cego, exagerado e sem autocrítica, que descamba para a soberba e o desprezo por tudo o que vem de fora.

3. A EVOLUÇÃO DO PROCESSO: COOPERAÇÃO, COOPERATIVA E COOPERATIVISMO

Para compreender como o engessamento acontece dentro do próprio meio associativo, é preciso analisar o ciclo de vida que vai do sentimento original até o surgimento do ismo. A cooperação é o espírito vivo, ponto de partida voluntário, instintivo e natural, quando duas ou mais pessoas percebem que possuem o mesmo problema ou necessidade e decidem somar forças de forma mútua, sem vaidades nem burocracias, na ação pura de ajudar e ser ajudado. A cooperativa é a estrutura necessária, pois à medida que o grupo cresce surge a exigência prática de organizar, criando entidade jurídica, estatutos, sede física e regras de funcionamento, nascendo como ferramenta de engenharia que viabiliza e protege a cooperação em larga escala.

O cooperativismo torna-se o ismo aprisionador quando a ferramenta se desliga do espírito e se converte em ideologia rígida e institucionalizada. Nesse ponto o foco muda: o que passa a importar é o crescimento do patrimônio, o poder político da marca, o cumprimento frio de metas

de mercado e a exaltação teórica do modelo, enquanto o ser humano por trás do processo é deixado em segundo plano. O mesmo ciclo se repete com a associação e o associativismo, com o sindicato e o sindicalismo, com a igreja e o igrejismo.

A cooperativa é a casa. A cooperação é a família. Quando se ama mais a casa do que a família, a casa vira cárcere.

4. O FRACIONAMENTO INTERNO: VÁRIAS COOPERATIVAS DENTRO DA MESMA

Quando o ismo contamina a instituição, ele destrói a unidade e cria um ecossistema de exclusão, pois a cooperativa deixa de ser comunidade coesa e se fragmenta em castas isoladas. A cooperativa da diretoria torna-se um clube fechado de poucos executivos ou conselheiros, cujo foco passa a ser a manutenção de privilégios, salários, bônus, prestígio político e poder de decisão, e para esse grupo o associado vira apenas um número ou um degrau. A cooperativa dos colaboradores é o corpo técnico e administrativo que conduz o cotidiano, e muitas vezes, contaminado pela burocracia do ismo, passa a enxergar o associado não como verdadeiro dono do negócio, mas como cliente incômodo que atrapalha os processos internos. A cooperativa dos associados é a base que sustenta tudo com sua produção ou capital, mas que se vê desamparada, alienada das grandes decisões e tratada de forma desigual pelos escalões superiores.

Esse fracionamento aprisiona o modelo porque quebra o princípio básico da igualdade. A entidade passa a pertencer a uma elite tecnocrática que fala em nome do cooperativismo para manter a base subserviente e desunida.

5. POR QUE A PRÁTICA NÃO PODE VIRAR SÓ UM ISMO

Uma cooperativa é comunidade viva de pessoas que se ajudam no dia a dia, mas se ela vira apenas cooperativismo torna-se discurso político, burocracia fria ou modelo de negócios sem alma, onde o papel aceita tudo e o associado é esquecido. A igreja deveria ser acolhimento, refúgio e comunhão entre irmãos, mas o igrejismo é a obsessão pela instituição, pelas paredes, pelas hierarquias e pelas vaidades de cargos, onde defender a placa do templo se torna mais importante do que salvar vidas. O amor de Jesus é ação transformadora, estado de espírito, misericórdia pura e desprendimento, ao passo que o cristianismo, enquanto sistema dogmático, muitas vezes virou tribunal de julgamentos, guerra religiosa e exclusão de quem não se enquadra na cartilha teológica.

6. POR QUE JESUS NUNCA FALOU A PALAVRA CRISTIANISMO

Jesus falava aramaico e hebraico, e o sufixo ismo é de origem grega. Mas, para além da barreira da língua, ele nunca teve a intenção de criar uma religião de moldes institucionais rígidos ou uma nova ideologia. Não veio apresentar tese filosófica ou manual dogmático, veio apresentar um Caminho vivo baseado na fé, no amor e no relacionamento direto com Deus. Não chamou seus seguidores de cristãos, chamou-os de discípulos, que significa aprendizes, e de amigos.

O termo cristão só surgiu cerca de dez a quinze anos após a sua morte, na cidade de Antioquia, conforme registrado no livro de Atos dos Apóstolos 11:26, usado por observadores externos para identificar o grupo que seguia o Cristo. O termo estruturado cristianismo demorou ainda mais, aparecendo na literatura décadas depois, atribuído historicamente às cartas de Inácio de Antioquia já no início do século II, cerca de setenta a oitenta anos após a crucificação. Essa demora histórica acontece porque, no início, o movimento era estilo de vida prático e orgânico. Conforme o tempo passou, as testemunhas oculares morreram, as comunidades cresceram e surgiu a necessidade humana de institucionalizar, organizar e criar regras para manter o controle e a unidade das igrejas. Foi nesse momento que a mensagem viva e livre correu o risco de virar apenas um ismo.

7. EM NOME DE QUEM: A DETURPAÇÃO E A PRESSÃO DOS SISTEMAS

A grande armadilha humana é trocar a essência viva pela caixinha do sistema. Agir em nome de Cristo é agir com amor, estender a mão, perdoar e caminhar na verdade, independentemente de rituais, enquanto agir em nome do cristianismo muitas vezes se converte em defender uma instituição, uma bancada política, uma doutrina excludente ou um conjunto de regras que o próprio Cristo combateu. A psique é a alma, a mente humana em toda a sua complexidade, mistério e sofrimento real, mas o psiquismo vira a teoria engessada, o rótulo clínico frio, o enquadramento do indivíduo em manuais rígidos que tentam padronizar a dor humana em vez de compreendê-la.

A Asbraer, Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural, existe para coordenar a extensão rural, apoiar a agricultura familiar e viabilizar o desenvolvimento no campo. Se essa prática viva se transforma em asbraerismo, ela vira culto à sigla, defesa cega da corporação, burocracia pela burocracia e política interna de cargos. O extensionista esquece o produtor rural na terra para defender o ismo do escritório. Tudo isso gera pressão esmagadora sobre nós porque o sistema exige padronização. O ismo quer que todos pensem igual, vistam a mesma camisa e repitam as mesmas frases de efeito. Ele anula a individualidade.

8. SUBSERVIÊNCIA: A CONTAMINAÇÃO QUE TRANSFORMA IDEIA EM PRISÃO

Quando o indivíduo aceita cegamente a pressão de um sistema, surge a subserviência, contaminação comportamental na qual a pessoa renuncia à própria consciência, à capacidade crítica e à dignidade para se submeter totalmente à vontade de um líder, de uma hierarquia ou de uma cartilha ideológica. A subserviência é a pior forma de prisão porque é invisível para quem a vive, pois o subserviente acredita estar sendo leal, fiel ou disciplinado, quando na verdade está abrindo mão da própria liberdade de pensar. Em reuniões e grupos, ele não colabora com ideias reais, apenas repete o que imagina que os chefes ou o ismo do grupo desejam ouvir, destruindo a inovação e blindando o erro. É a completa ausência de liberdade, pois o indivíduo passa a ter medo de duvidar, medo de sugerir e medo de ser ele mesmo.

O subserviente não mente por maldade. Ele mente porque foi ensinado que a verdade custa o emprego.

9. A ORIGEM HISTÓRICA DO ENRIJECIMENTO

Essa tendência humana de transformar movimentos livres em estruturas de controle não é nova. Na Antiguidade, o sufixo grego ismos indicava originalmente apenas a ação, a prática ou o estado de fazer algo. No entanto, a mutação conceitual desse sufixo para designar doutrinas rígidas e partidos fechados ganhou força no período helenístico e na Antiguidade Tardia, adquirindo contornos definitivos com a consolidação dos grandes impérios e instituições religiosas na Idade Média.

A partir do momento em que o Império Romano, sob o imperador Constantino, no século IV, começou a oficializar e estruturar a Igreja, houve a fusão da mensagem viva do Evangelho com a máquina burocrática e hierárquica estatal. O Estado precisava de ordem, uniformidade e controle sobre as massas, e a resposta foi a criação de dogmas fixos e o combate implacável a qualquer desvio. Foi nesse momento histórico exato que a fluidez do Caminho foi sepultada para dar lugar ao peso institucional do cristianismo oficializado, trocando a conversão interna pela obediência externa. O mesmo padrão repetiu-se na história da filosofia, pois as escolas de pensamento livre da Grécia Antiga transformaram-se, ao longo dos séculos, em dogmatismos acadêmicos medievais, nos quais questionar o texto de uma autoridade do passado era considerado erro crasso ou crime moral. Toda vez que uma ideia de liberdade cresce, a estrutura humana tenta capturá-la, engessá-la e cobrar subserviência dos novos seguidores.

10. GÁLATAS 5:1 E A LIBERTAÇÃO DOS SISTEMAS

Essa pressão é o oposto exato da mensagem de libertação. Em Gálatas 5:1, o apóstolo Paulo escreve de forma contundente que foi para a liberdade que Cristo nos libertou, e que devemos permanecer firmes sem nos deixar submeter novamente a um jugo de escravidão. A grande luta histórica de Jesus foi confrontar o judaísmo de sua época, que havia deixado de ser a fé viva de Abraão para virar emaranhado asfixiante de regras, o ismo dos fariseus e escribas que engessava a vida do povo. Jesus rompeu com essa estrutura para trazer a vida.

A ironia humana é que, ao longo dos séculos, as pessoas tomaram a mensagem daquele que combateu o engessamento religioso e a enquadraram dentro de um novo ismo, o cristianismo institucionalizado. Substituiu-se um jugo de escravidão por outro. O Caminho, a Verdade e a Vida que Jesus propôs estão sempre em movimento, são fluidos e dinâmicos, impossíveis de serem trancados em uma única instituição ou ideologia. Quando tentamos colocar o cooperativismo, a fé ou a extensão rural no mesmo molde rígido, matamos a essência e criamos ambiente de cobrança e falsidade moral.

11. POR QUE O COOPERATIVISMO E O ASSOCIATIVISMO SÃO VISTOS COMO BONS

Ao contrário dos ismos que isolam ou dogmatizam, o cooperativismo e o associativismo são baseados em ações práticas de solidariedade, ajuda mútua e objetivos econômicos ou sociais comuns. Eles não nascem para excluir o outro nem para criar uma verdade absoluta, mas para somar forças individuais em prol de um benefício coletivo, mantendo a flexibilidade e a participação democrática. Sua bondade, porém, não é automática nem eterna. Ela precisa ser reconquistada em cada assembleia, em cada prestação de contas, em cada decisão que envolve o associado mais distante e mais humilde.

12. O CONTRÁRIO DO ISMO: ANTAGONIA E ANTAGONISMO

O verdadeiro contrário de um ismo rígido e fechado é uma postura aberta, livre, espontânea e dinâmica. Porém, quando buscamos palavras para definir oposição, entramos no terreno da antagonia e do antagonismo. A antagonia é a qualidade ou o estado de oposição mútua, rivalidade ou incompatibilidade natural entre forças, ideias ou substâncias, como o dia e a noite. O antagonismo é o ismo da oposição, quando a atitude de contrariar, rivalizar ou combater o outro vira sistema ou postura fixa. Se o sectarismo se fecha em uma verdade, o antagonismo se define estritamente por ser contra algo ou alguém, gerando atrito constante.

13. POR QUE O CENÁRIO ABERTO DEMAIS TAMBÉM TRAZ DIFICULDADE

Se o ismo peca pelo excesso de rigidez, a falta total de estrutura também cria barreiras em uma reunião ou grupo. Essa abertura excessiva gera caos e desorientação, pois sem regras mínimas, métodos ou objetivos claros a conversa fica solta demais, perde o foco e não chega a lugar nenhum. Gera insegurança, porque as pessoas se sentem perdidas quando não sabem quais são os limites, os critérios de avaliação ou o propósito do encontro. E gera falta de compromisso, uma vez que o descompromisso com conceitos ou combinados impede que as ações saiam do papel.

14. O EQUILÍBRIO TÉCNICO: A FLEXIBILIDADE ESTRUTURADA

Para obter facilidade nas relações e nas reuniões, o segredo está em buscar a flexibilidade estruturada, ou pluralismo, o que significa manter a mente aberta com os pés firmados em princípios práticos. Primeiro, troque dogmas por diretrizes, estabelecendo acordos e metas operacionais que possam ser revistos se a realidade mudar, em vez de impor doutrina inquestionável. Segundo, estimule a escuta ativa, monitorando e pedindo que as pessoas evitem posturas reativas ou julgamentos por conveniência, incentivando o grupo a focar na solução dos problemas e não na defesa cega de opiniões. Terceiro, adote o espírito cooperativo, usando o modelo da cooperação como união em torno de um objetivo claro, no qual a flexibilidade individual serve ao fortalecimento de todos.

15. O PODER E O NÃO PODER DOS ISMOS

O poder de um ismo reside na sua capacidade de organizar e mobilizar, pois ele sintetiza ideias complexas em uma bandeira, oferecendo senso de pertencimento e direção aos grupos. O não poder, ou seja, sua fraqueza estrutural, é a cegueira intelectual, porque o ismo aprisiona a mente em uma bolha. Quando a realidade contradiz a doutrina, o dogmático prefere distorcer a realidade a admitir que seu ismo está errado.

16. A PRISÃO DAS CRENÇAS E A FALIBILIDADE HUMANA

As pessoas se tornam prisioneiras dos seus ismos porque o dogma oferece falsa sensação de segurança e superioridade moral, e é mais fácil seguir um manual rígido de conduta do que lidar com a complexidade do mundo. Para desarmar essa postura em uma conversa ou reunião, o caminho é apelar para a humildade existencial. Ninguém pode levantar a mão e alegar perfeição, pois a mentira, o arrependimento e a falha são inerentes à condição humana. O ismo promete uma pureza artificial que nenhum ser humano consegue sustentar. O que falta para romper essa

barreira não é uma nova doutrina, mas a autocrítica e a empatia. Quando o indivíduo reconhece a própria natureza falível e se declara vulnerável, ele deixa de ser refém do dogmatismo e passa a aceitar o diálogo real.

17. A FILOSOFIA COMO ÉTER QUE CONGREGA O CONHECIMENTO

Chego ao ponto que, para mim, é a chave de tudo. A filosofia é o grande éter que congrega todo o conhecimento humano. Ela não é uma disciplina entre outras, é o ambiente respirável no qual todas as demais existem. A sociologia descreve como os grupos se organizam, a teologia investiga o sentido último e o vínculo com o Criador, a agronomia trata da terra e do sustento, o direito organiza a convivência, a economia distribui os meios. Mas nenhuma delas pergunta a si mesma se está certa. Somente a filosofia faz essa pergunta, e é exatamente por isso que ela é o antídoto natural contra o ismo.

Foi dessa convicção que nasceu a Agrosofia, a agronomia elevada pela filosofia, a mística da vida com base no agro. Enquanto o agronegócio pode virar agronegocismo, culto ao volume e à cifra, a Agrosofia devolve o gesto agrícola à sua raiz contemplativa, ao respeito pelo solo, pela semente, pelo tempo e pelo homem que planta. Onde há filosofia viva, o ismo não consegue fechar a porta, porque sempre haverá alguém perguntando por quê.

O ismo dá respostas. A filosofia devolve as perguntas. Só sobrevive livre quem prefere as perguntas.

18. CONCLUSÃO: ESCLARECIMENTO, LIBERDADE E DISCERNIMENTO

Não escrevo contra o sindicato, contra a cooperativa, contra a associação, contra a igreja ou contra a extensão rural. Escrevo em favor de todas elas, e justamente por isso escrevo contra o momento em que se fecham. O ismo bem fundamentado é aquele que aceita ser interrogado. O ismo doente é aquele que responde à pergunta com a expulsão de quem perguntou. Entre um e outro há apenas uma distância, e essa distância se chama liberdade de consciência.

Que o sindicalismo permaneça sindicato, que o cooperativismo permaneça cooperação, que o associativismo permaneça associação, e que o cristianismo permaneça Cristo. Nada disso se conserva por decreto. Conserva-se por vigilância diária, por autocrítica, por empatia, por humildade existencial e por esclarecimento. Onde há esclarecimento, não há dominação. Onde há liberdade, não há cegueira. Onde há discernimento, o ismo é apenas um nome, e não uma prisão.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Loterio é agrônomo, filósofo, teólogo, diácono permanente e conferencista, natural da Comunidade de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina, e residente em Camboriú. Filho de Auri Fábio Loterio, cooperativista fundador da CRAVIL, e de Érica Laurentino Loterio, é casado com Ana Maria Rebelo Loterio, pai de Ainor Manoel e Lucas Manuel e avô de Helena, Maria e Luiza.

Sua trajetória atravessa por dentro todas as instituições sobre as quais este texto reflete. Na extensão rural, foi extensionista e diretor estadual na Epagri, além de consultor da Emater-RS Ascar nas áreas de Comunicação, Juventude e Mulheres. Na gestão pública, foi Prefeito de Camboriú e assessor na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. No cooperativismo, atuou em múltiplas frentes formativas e doutrinárias, tendo publicado *Paixão pelo Cooperativismo*. Na igreja e na comunidade, exerce o diaconato permanente e conduz desde 1989 o programa radiofônico *Alegria de Viver*. É autor ainda de *Pais Frouxos, Filhos Sofredores*; *Pais Firmes, Filhos Felizes*, de *A Eternidade em Nós* e de *Um Minuto de Inspiração*.

A convergência entre sociologia, teologia e filosofia atravessa toda a sua obra. Da sociologia extraiu a leitura das estruturas coletivas e do fracionamento interno das organizações. Da teologia extraiu a tríade fundante entre Deus, o si mesmo e a companheira de vida, formando a aliança plena. Da filosofia extraiu o éter que tudo congrega. Dessa síntese nasceu a Agrosafia, conceito que desenvolve há mais de quinze anos como filosofia integradora entre sabedoria agrícola, valores humanísticos e sustentabilidade, cultivada concretamente na Chácara Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, dedicada ao reflorestamento com espécies nativas da Mata Atlântica.

Seus conteúdos, artigos e projetos formativos estão reunidos nos portais www.ainor.com.br, www.loterio.com.br e www.agrosafia.com.br, organizados em torno dos eixos temáticos da Agrosafia e do Cooperativismo, e abertos a instituições, cooperativas, escolas, secretarias e comunidades que desejem construir práticas vivas em lugar de ismos fechados.

CONTATOS

WhatsApp: (47) 99967-5010

E-mail: ainorfloterio@gmail.com

Portais: www.ainor.com.br | www.loterio.com.br | www.agrosafia.com.br

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. **Atos dos Apóstolos** 11:26. São Paulo: Paulinas, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. **Carta aos Gálatas** 5:1. São Paulo: Paulinas, 2010.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. **Cartas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **A eternidade em nós**. Camboriú: Edição do Autor, 2016.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Paixão pelo cooperativismo**. Camboriú: Edição do Autor, 2018.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Um minuto de inspiração**. Camboriú: Edição do Autor, 2020.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. Roma: Vaticano, 1975.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora UnB, 1999.